

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899

Secretario da redacção

Carlos Callixto

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo 216

Segunda feira 15 de julho de 1901

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 6 mezes 600 reis
 Provincias, 6 mezes 680 *
 Numero avulso 60 *

TIRO

CONCURSO NACIONAL DE TIRO

Voltamos ainda ao concurso nacional de tiro realiado ha pouco.

Foram muitas as impressões que nos deixou, qual d'ellas a melhor; ha porém sobre todas uma, que nos emocionou, já o dissémos, foi a vinda de tolos esses nossos camaradas da provincia, que de tão longe, trouxeram tanto brilho e significação a esta festa toda de patriotismo. E mais é para notar, as más condições em que algumas vieram, pelo pouco tempo que tinham de exercicio; entre outras como os de Vizeu, que além do pouco tempo, tinha, e tem, a carreira de tiro fechada, proveniente de um desastre que alli se deu com um ricochete.

Coimbra, que começaram a sua instrução em abril e que perderam a noite da vespera do concurso. O desconhecimento que todos tinham das armas da carreira, a differença da luz pela differença da situação das carreiras, e o que tambem não é pouco, o meio em que se achavam.

Se attendermos a tantas circumstancias diversas em caso tão melindroso, como é o tiro, vemos que elles, os nossos queridos camaradas, fizeram muito e não tem rasões para desanimar ou desgostar.

E' certo que uns fizeram melhor figura do que outros, mas isso é proprio de tudo quanto está, como o tiro, sujeito a tão complicadas e multiplas circumstancias favoraveis ou desfavoraveis de momento.

Desta vez Bragança teve o primeiro logar, honra lhe seja, honrou as suas nobres tradições, e certamente essa victoria é para ella um forte estimulo, mas tambem o é, e deve-o ser, para as outras loca-

lidades, pela sua nobreza e altruismo nunca desmentidos. Cremos crêr que o futuro anno será fecundissimo para todos nos seus progressos e aproveitamento para a lucta nobre e gloriosa que vão encetar.

E' certo que outras filiaes como Almeida e Leiria tem magnificos atiradores, e desde que o são, elles o demonstrarão, e a victoria alguma vez lhe tocára por casa. Não ha pois motivos para desanimar.

Para o anno outras localidades do paiz se representaram no certamen nacional e algumas como Chaves e Guarda, crêmos crêr que terão excellentes atiradores, por isso que o enanhado amor da patria já de ha tempos os levava á pratica do tiro de guerra.

A União conta hoje dez filiaes, oito na metropole e duas na nossa Africa Occidental, n'essa bella Africa que é, e deve ser sempre um pedaço de nós mesmos, essas duas não poderão vir aos nossos concursos, mas tel-os-hão lá, e nós, estaremos com ellas em espirito com o mesmo amor que nos une aos nossos camaradas de cá.

Vamos pois, todos os esforços são poucos em prol da defeza do sagrado solo da patria, que todos quantos já entraram, e os que venham a entrar n'estas pugnas se se convençam d'isso.

Gloria pois aos vencedores e não menos gloria aos vencidos.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Publicações officiaes

Acta da assembleia geral dos socios fundadores da succursal do União dos Atiradores Civis Portuguezes na Guarda.

Aos trez dias do mez de julho de mil novecentos e um n'esta cidade da Guarda reuniram-se os cidadãos abaixo assignados, com o fim, previamente fallado, de formarem e constituirem n'esta cidade uma succursal da União dos Atiradores Civis Portuguezes, regulada pelos estatutos de 23 de novembro de 1899. Tendo-se em seguida por aclamação constituído a assembleia sob a presidencia do dr. Lucio Gonçalves Nunes, secretariado pelo dr. Sebastião de Moraes e Virgilio Mello e depois de discutido o assumpto, por todos foi afinal deliberado por unanimidade: — Primeiro — Solicitar d'aquella União o reconhecimento legal d'esta succursal para o fim de gosar dos direitos e regalias concedidas ás succursaes congeneres. — Segundo — Escolher, como escolhem, para constituirem a direcção d'esta succursal os seguintes socios: — dr. Lucio Gonçalves Nunes, dr. Sebastião de Moraes, Antonio Cursino Caldeira, José Augusto de Sá e Mello, Izidro Mello, Sotero Faria de Mascarenhas, e José Maria Ferreira d'Abreu, o primeiro para presidente e o ultimo para secretario, reservando-se para opportunamente escolher o seu thesoureiro e mais entidades que sejam necessarias, bem como para confeccionar os regulamentos especies que forem precisos. — Terceiro —



José Thomaz Coelho

Presidente da direcção da Associação Protectora da Caça em Tempo Defezo

Incumbir a meza de pessoalmente e como prova de consideração e respeito para com a auctoridade superior do districto, o ex.^{mo} governador civil, para com o commandante militar, o ex.^{mo} coronel de infantaria 12 e para com o ex.^{mo} presidente da camara, lhes communicar as intenções e desejos d'esta Assembleia, solicitando-lhes o seu appoio e auxilio para os fins que se tem em vista. Deliberou por ultimo enviar copia authentica d'esta acta á União alludida para os fins convenientes. E não havendo nada mais a tratar foi encerrada a sessão de que se lavrou esta acta que vai ser assignada por todos os cidadãos presentes. (a) Lucio Gonçalves Nunes, Sebastião de Moraes, Clemente Ignacio Gomes, José Augusto de Sá e Mello, Antonio Carneiro Caldeira, José Maria Ferreira d'Abreu, Sotero Faria de Mascarenhas, André Moura, Abel Jorge Tavares, Alberto Lopes de Pina Faya, Francisco Gomes d'Almeida Neves, Arthur de Madureira, Izidoro Mello, João Antonio de Figueiredo, Augusto Picarra, José Fernandes da Cunha, Viriato Antonio Angelo, Augusto Lopes Philippe, Adolpho Attilio, João da Silva Figueiredo, Virgilio Palha e Mello. Está conforme.

Guarda, 5 de julho de 1901.

Os SECRETARIOS, *Sebastião de Moraes e Virgilio Palha e Mello.*

Beneficio realiado em 27 de fevereiro de 1901 no Theatro de D. Maria II

Receita:	
Lotação do theatro (convencional)	564\$800
Donativo de S. M. El-Rei	30\$000
Excessos de pagamentos	8\$000
	<u>602\$800</u>
Despeza:	
Despeza geral (folha do theatro)	135\$020
Impressos	10\$300
Distribuição, sellos, cobrança, etc.	54\$730
Bilhetes em carteira	28\$500
Ditos incobraveis	10\$600
	<u>239\$150</u>
Saldo em dinheiro	363\$650
	<u>602\$800</u>

Lisboa, 30 de maio de 1901.

O Thesoureiro

Antonio Correia Pinheiro



Dario Cannas

Vencedor do Premio da Camara Municipal de Lisboa no concourso de tiro em 21 de julho de 1901

Balancetes mensaes

MAIO	
Receita:	
Saldo de abril.....	354\$467
Pela venda de cartuchos, 890 a 15 réis.....	13\$350
Productos de 4 bilhetes de identidade.....	2\$000
Cobrança de quotas e distinctivos.....	58\$300
Productos liquido do beneficio realisado em 27 de fevereiro no Theatro de D. Maria II.....	363\$650
	437\$300
	791\$767
Despeza:	
Munições pagas na carreira de tiro.....	45\$140
Despezas feitas em Coimbra por occasião da inauguração da 4.ª filial.....	20\$100
Por uma lapiseira de prata para o premio de Coimbra.....	1\$500
Pela 1.ª prestação do pagamento do alvo electrico «Chevalier».....	81\$585
Por conta da 5.ª filial.....	\$420
Diversas durante o mez, telegrammas, percentagens, gratificações, ordenados, etc.....	49\$813
	198\$558
Saldo para junho....	593\$209
	791\$767

Lisboa, 31 de maio de 1901.

O Thesoureiro

Antonio Correia Pinheiro

LOANDA

7.ª FILIAL

São deveras animadoras as noticias que temos d'esta filial da União.

E' grande o numero de associados; pensando-se em remover alguns contras taes como a carreira não puder funcionar de tarde, pois os atiradores ficam com o sol pela frente; conseguir que um maior numero de socios da classe commercial possa frequentar a carreira, etc.

Preciso se torna, porém, resolver o problema do custo dos cartuchos que é excessivo, 50 réis cada um! Um socio que frequente todos os domingos a carreira e faça 10 tiros tem a segnente despeza mensal:

Cartuchos 40, 2\$000 réis; comboio 960 réis, quota de socio 500 réis. total 3\$460 réis!... isto por mez. Urge pois, que o sr. ministro da marinha á imitação do que tem feito o sr. conselheiro Pimentel Pinto, favoreça e anime o desenvolvimento da instrucção do tiro nacional na nossa Africa, um dos pontos onde elle mais se pôde tornar necessario d'um momento para o outro, e veja o illustre titular da pasta da marinha, que é mais facil e muito menos dispendioso dar instrucção de tiro a todos os homens validos que residem em as nossas colonias, do que organisar e enviar rapidamente expedições, que apesar de toda a actividade, e porque vão de muito longe, são caras e podem chegar demasiado tarde.

A 7.ª filial da União conseguiu já muito; de vido ao seu illustre vice-presidente, o sr. Accacio José Ferreira, um subsidio de 120\$000 réis. por anno, da Camara Municipal, e além d'isso um serviço especial de caminho de ferro, que, ao diante, transcrevemos.

A Associação dos Atiradores Civis de Loanda, tem por presidente o sr. dr. Antonio José Cardoso de Barros, um cavalheiro que, além da sua elevada posição social, é um caracter digno do mais elevado respeito, e de grande illustração. Em seguida transcrevemos uma portaria que mostra bem as qualidades e merito do illustre presidente da 7.ª filial.

Seguem as portarias:

Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola, n.º 16 e 23 respectivamente de 20 de abril e 23 de junho de 1901.

Governo geral da provincia de Angola

Portaria n.º 233:

Tendo chegado a esta provincia e tomado posse do seu cargo, o bacharel formado em direito, Manuel Teixeira de Sampaio Mansilha, nomeado secretario geral d'este governo geral por decreto de 22 de dezembro do anno proximo findo: hei por conveniente exonerar do referido cargo

Mappa geral das munições consumidas pelos socios durante o mez de março de 1901

Epoca: 1900—1901

Matricula	Carreira	União	Nomes	Tiros disparados						Balas acertadas						Porcentagem			
				100 met normal	200 met normal	300 met normal	300 met figura	300 met circular	Somma	100 met normal	200 met normal	300 met normal	300 met figura	300 met circular	Somma				
1500			Augusto F. Pinto Bastos.....	-	-	-	30	130	160	-	-	-	14	104	118	73,7			
2513			A. Correia Pinheiro.....	-	-	-	30	170	200	-	-	-	15	134	149	74,5			
1702			Gil V. C. Portocarrero.....	-	-	-	10	70	130	210	-	-	9	27	78	34,2			
2431			José N. Gonçalves.....	-	-	-	-	30	100	130	-	-	-	7	37	44	33,8		
2456			Eduardo Taborda.....	-	-	-	-	-	20	20	-	-	-	-	6	6	30,0		
2640			Gustavo J de Jesus.....	-	-	-	-	10	40	50	-	-	-	7	28	35	70,0		
1591			Alexandre Leusinger.....	-	-	-	-	-	40	40	-	-	-	-	35	35	87,5		
2282			Emilio Kesselring.....	-	-	-	-	-	20	20	-	-	-	-	13	13	65,0		
1676			M. Hermann.....	-	-	-	-	-	60	60	-	-	-	-	28	28	46,6		
2486			J. A. L. Fernandes.....	-	-	-	-	-	10	10	-	-	-	-	1	1	10,0		
1779			Antunes Barata.....	-	-	-	-	10	130	140	-	-	-	4	51	55	39,2		
1431			J. Carrilho Garcia.....	-	-	-	-	-	50	60	110	-	-	-	15	36	51	46,3	
1543			Ignacio Franco.....	-	-	-	-	-	50	80	130	-	-	-	31	58	89	68,4	
1903			Anibal do Amaral.....	-	-	-	-	-	-	40	40	-	-	-	-	17	17	42,5	
2727			José Bello.....	10	20	-	-	-	30	10	8	-	-	-	-	18	60,0		
2638			A. C. T.....	-	10	-	-	-	-	10	-	-	-	-	-	1	10,0		
93			S. Padesca.....	-	-	-	-	-	10	10	20	-	-	-	6	3	9	45,0	
200			A. Scixas.....	-	-	-	-	-	10	10	-	-	-	-	8	3	-	11	55,0
24			J. J. C. Grillo.....	-	-	-	-	-	70	10	80	-	-	-	50	9	59	73,9	
			Somma.....	10	30	20	370	1050	1480	40	9	17	179	638	853	57,6			

Atiradores 19
Tiros..... 1480
Balas..... 833
0/0..... 57,6

Lisboa, 31 de março de 1901.

O secretario
EDUARDO DE NORONHA.

Instrucção aos alumnos — Estatistica

Epoca: — 1900-1901, março

Atiradores	ALVOS ELEMENTARES								Porcentagem
	Tiros disparados				Balas acertadas				
	100 metros	200 metros	300 metros	Somma	100 metros	200 metros	300 metros	Somma	
329	217	1447	918	2582	116	467	292	875	33,8

Lisboa, 31 de março de 1901.

O secretario
EDUARDO DE NORONHA.

o bacharel Antonio José Cardoso de Barros, procurador da corôa e fazenda, que para exercer interinamente as respectivas funções fora nomeado em portaria provincial n.º 512, de 17 de setembro de 1900.

Aproveitando esta oportunidade para publicamente lhe dar uma prova de quanto os seus serviços, prestados durante a interinidade, foram por mim devidamente apreciados, hei por conveniente e por consideração áquelles serviços, consignar n'esta portaria um voto de louvor e de homenagem ás suas qualidades profissionais e de caracter.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo em Loanda, 13 de abril de 1901.—Francisco Xavier Cabral de Oliveira Moncada, governador geral.

Portaria n.º 304:
Approva o horario, que abaixo se segue, de um comboio especial do caminho de ferro de Loanda a Ambaca, aos domingos, entre a estação da cidade alta e a carreira de tiro, no Penedo.

Companhia real dos caminhos de ferro através d'África

Comboios especiais de ida e volta, entre cidade alta e Penedo para os socios de tiro civil, a principiar em 26 de maio de 1901

COMBOIOS DESCENDENTES			COMBOIOS ASCENDENTES		
Estações	Chegada	Partida	Estações	Chegada	Partida
Cidade Alta..	—	M 6,15	Penedo . . .	—	M 9
Penedo.....	M 6,30	—	Cidade Alta..	9,15	—

Condições

Estes comboios só terão logar aos domingos. A associação garantirá o minimo de 30 passageiros ao preço de 240 réis cada uma, para ida e volta.

Aos sabbados, das 6 horas da manhã ás 6 da tarde, a associação requisitará, na estação de Loanda os 30 bilhetes que garante.—Excedendo este numero, pagará cada passageiro o seu bilhete ao preço supra.—Os bilhetes serão recolhidos na volta, na estação de Loanda.

Estes comboios, tanto á ida como á volta, terão paragens na rua do Franco, calçada das Cruzes, Bungo e estação de Loanda.

Uma das carruagens será reservada para operarios e empregados da companhia.

Palacio do governo em Loanda, 4 de junho de 1901.—Francisco Xavier Cabral de Oliveira Moncada, governador geral.

AVEIRO

Pelo ministerio da guerra foram dadas ordens para que fossem feitas as obras precisas na carreira de tiro do regimento de cavallaria n.º 7, afim de estar prompta para a instrucção dos reservistas no proximo mez de agosto.

Aveiro tem occasião de fazer causa commum com os patriotas que se dedicam de alma e coração á instrucção do tiro nacional. Estamos certos que alli haverá quem não descure este tão momentoso assumpto.

E' urgente fundar n'esta cidade uma filial da União dos Atiradores Civis.

Vamos, patriotas de Aveiro, chegou a vossa vez.

ARTES & LETRAS

HISTORIA

O EXERCITO E A PATRIA

XIII

Castello Rodrigo

(1664)

Já haviam passado mais de vinte annos sobre o impeto heroico de 1640 e a lucta

durava ainda, não podendo a Hespanha resignar-se a perder a rica provincia occidental, a sentir encravada na peninsula a garra inimiga da nação libertada e indomavel.

Batidos ás vezes, D. João d'Austria de 1662 a 1663 puzera Lisboa em sustos, fóra penetrando até tornar Evora, e ameaçava continuar a invasão, não desanimavamos; a lembrança de 1659 com a gloriosa victoria das Linhas d'Elvas, que levantára n'um pedestal o marquez de Marialva, era um phanal d'esperança nas horas de maior angustia, e em 1663 o orgulhoso principe soffreu o revez do Ameixial em que a decisão de Villa Flór é auxiliada pela pericia e pelo valor de Schomberg. Liberta-se Evora e D. João d'Austria deixa no campo o seu estandarte abtido, dispersos e perdidos a maior parte dos seus cavallos, a sua bagagem, toda a sua artilheria.

Na fronteira beirá o duque d'Ossuna encontra na frente Pedro Jacques de Magalhães. De Cidade Rodrigo o fidalgo hespanhol procura impedir o aprovisionamento d'Almeida, corta-lhe a ponte de Ribacôa, destroe as colheitas a ferro e fogo e de vasta as povoações abertas.

Pedro Jacques sae d'Almeida a refazer as pontes, collocar atalayas e armar embuscadas em que, mais d'uma vez, castiga o inimigo. Queima-lhe a villa de Sobradillo, da qual não toma o castello por falta de petardos, que uma cheia do Agueda lhe demora.

Ossuna resolve vingar-se indo sobre a importante e mal defendida praça de Castello Rodrigo com 700 cavallos, 4.000 infantes e 9 peças d'artilheria, collocando o governador Antonio Ferreira Ferrão, que apenas tem para defendel-a 150 homens, na situação mais critica. Assaltado vivamente por todos os lados Antonio Ferrão defende-se como um bravo que era, mas, conhecendo a impossibilidade de resistir, enviava repetidos avisos para Almeida a Pedro Jacques. Este juntou logo todos os auxiliares e ordenanças dos logares proximos que lhe foi possível, obtendo custosamente 2:500 infantes, 500 cavallos e 2 peças d'artilheria, partindo, sem tempo de se fornecer de mantimentos, em soccorro d'afflicta praça.

O duque, nunca esperando tal temeridade, não deu pela sua silenciosa chegada á Serra de Marofa, onde Pedro Jacques ficava dominando o campo castelhano e d'onde presenciou o violento assalto dado por todos os pontos á praça na madrugada de 6 de junho, e a bravura com que o heroico governador se defendia repellindo o inimigo. Este espectáculo exaltou o animo das suas tropas o que o resolveu a cahir logo sobre os castelhanos, caçados do assalto e desprevenidos.

Animou os seus, já enfurecidos pelas devastações e excessos do duque, e fez romper a cavallaria n'uma violenta e estrepitosa carga, atrapalhando pelo imprevidido, as tropas hespanholas, cujo general deu ordem de retirada, incendiando o acampamento para que o fogo o protegese contra o inesperado inimigo, dando-lhe tempo de refazer-se; mas o incendio mais lhe desordenou os soldados, e a cavallaria de Pedro Jacques, não affrouxando d'impeto, empurrou-os sobre a ribeira d'Aguiar, onde ainda quiseram fazer-lhe frente com uma, por mal dada, inutil descarga.

Aqui o desbarato dos nossos inimigos foi completo, e o duque d'Ossuna teve que disfarçar-se para atravessar o Agueda, seguido de poucos cavalleiros, deixando mor-

tos ou prisioneiros todos os seus infantes, e em despojos toda a sua artilheria, munições e bagagens.

Libertada Castello Rodrigo, Pedro Jacques voltou para Almeida, glorioso por uma victoria tão habilmente ganha que lhe não custou perdas, destruida a reputação militar do duque d'Ossuna. Enviou por seu filho, creança de 14 annos que já capitaneava uma companhia d'infantes no Ameixial, a feliz noticia para a córte, onde d'ahi a um anno teria de celebrar-se a gloriosa e decisiva victoria de Montes Claros.

RIBEIRO ARTHUR.

BIBLIOGRAPHIA

1901. — Segundo anno. — Anuario Musical. — Casa Lambertini.

Recebemos e agradecemos o interessante volume publicado pela antiga e acreditada casa de pianos de que é proprietario e director o nosso amigo e sr. Michel'angelo Lambertini. E' um volume de 64 paginas, primorosamente impresso em papel couché, illustrado com muito e magnificas photographuras, tanto de artistas nossos, como de estrangeiros; completas informações de tudo que prende á musica, tanto de amadores como de proficioneas.

Lambertini, o primoroso pianista que todos nós conhecemos e apreciamos, um dos maiores e mais activos apóstolos da sublime arte, não perde a occasião de nos prender o espirito a essa arte por elle tão superiormente cultivada; com aquelle savoir fer que possui e que o distingue organiou o Anuario Musical, d'este anno, que é um primor.

Ao illustre director da revista Arte Musical, os nossos affectuosos agradecimentos.

EDUCAÇÃO PHYSICA

REAL COLLEGIO MILITAR

No dia 11 do corrente, por delicado convite do sr. general Moraes Sarmento, digno director d'este magnifico estabelecimento militar, tivemos o prazer de assistir ás provas de exercicios militares, bicycleticos e, depois do jantar, gymnasticos.

Os exercicios que começaram ás 4 horas e meia da tarde terminaram depois das 8 horas e constaram:

PRIMEIRA PARTE (no largo da Luz). — 1.º TACTICA — Continencia; Revista ao batalhão; Marcha em revista; Execução de fogos; Continencia final; Desfilamento para o collegio. — 2.º VELOCIPEDIA — Exercicios em grupo, por alumnos do 4.º, 5.º e 6.º annos. — Exercicio individual por um alumno do 5.º anno.

Intervallo para jantar.

SEGUNDA PARTE (No Gymnasio do collegio) — 1.º GYMNASICA ELEMENTAR — Movimentos livres, por alumnos do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos. — 2.º ESGRIMA — Cortezias de florete por alumnos do 5.º e 6.º annos. — 3.º GYMNASICA ELEMENTAR — Marcha dos gymnastas; cadeia gymnastica; Spiral por alumnos do 1.º e 2.º annos. — 4.º ESGRIMA — De bayoneta, em classe, por alumnos do 5.º anno. — 5.º PATINAGEM — Exercicios de grupo; Corridas de fitas por alumnos do 3.º e 5.º annos. — 6.º GYMNASICA APPLICADA — Saltos por alumnos do 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos. — 7.º ESGRIMA — De pau, em classe, por alumnos do 6.º anno. — 8.º GYMNASICA APPLICADA — Lucta de tracção por alumnos do 1.º e 2.º annos; assalto ás arvores e ao mastro, por alumnos do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos. — 9.º GYMNASICA APPLICADA — Corridas de velocidade para alumnos seniores e juniores, na extensão de 200 e 120 metros, por alumnos do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos. — TIRO — De béstia, por alumnos do 5.º e 6.º annos.

Havia os seguintes premios: Saltos, 1; Corridas de fitas, 1; Corridas de velocidade, 2; para seniores, 1, para juniores, 1; Tiro de béstia, 1.

O programma apesar de muito longo foi cumprido até ao fim. A parte de exercicios militares e de bicycletes foram muito correctos.

Depois de jantar — com o que em absoluto não concordamos — nos exercicios executados alguns alumnos deram provas de incontestavel aptidão sobre tudo nos saltos de fundo chegando a haver-os de 5.º30, sendo, estes, as marchas em acelerado e as corridas, algo longas o que produziu cansaço nos executantes.

Nós registamos com enthusiasmo e louvor os manifestos propositos do illustre e digno director do collegio na orientação que está dando á educação dos alumnos do Real Collegio Militar, al-

liando a educação intellectual á physica; educar o musculo é a unica forma de regenerar esta depauperada raça portugueza, produzindo a par do homem illustrado, homens vigorosos e aptos para a vida e para a defeza da patria.

S. A. o principe real assistiu com grande interesse a todos os exercicios, como comandante honorario que é, do batalhão dos alumnos, tomando logar á meza do jantar com os seus jovens camaradas e jantando com elles. S. A. offereceu um bello binoculo como premio.

Assistiu o sr. ministro da guerra, todos os professores e officiaes do collegio, e muitos officiaes generaes, superiores e subalternos, assim como muitas familias dos alumnos e convidados.

Pela União dos Atradores Civis Portuguezes estavam os srs. drs. Cunha Bellem e Anselmo de Souza, presidente e vice presidente da União e o sr. Vieira da Silva, do conselho gerente.

Do Real Gymnasio Club Portuguez os srs. Alvaro Lacerda, presidente da direcção, Correia Pinho, director, Luiz Monteiro e Walter Awata professores.

Agradecendo penhorados o amavel convite feito ao O Tiro Civil, applaudimos com enthusiasmo os exercicios do Real Collegio Militar e fazemos sinceros votos para que elles se generalisem em todos os estabelecimentos de educação, quer official, quer particular.

R. G. C. P.

A direcção d'este prospero Club, que tantos e tantos serviços está prestando á educação physica, depois da ultima eleição ficou composta pela seguinte forma: Presidente, Alvaro Pereira de Lacerda; vice-presidente, João Baptista Teixeira; secretario, Eduardo de Noronha; vice-secretario, Antonio Correia Pinho; thezoureiro, Alfredo Junqueira Figueiredo; vice thezoureiro, Antonio Diogo da Silva Junior; vogal, José Libanio Ribeiro da Silva.

CAÇA & PESCA

A caça de pombos á negaça

(Continuado ao n.º 214)

Já me havia referido a estas cartas, meu caro Anselmo, que por serem do grande mestre Mira teem um grande valor. Começarei portanto por a de 17 de novembro de 1868, escripta ao meu mestre e particularissimo amigo reverendo padre Neutel, ao chegar a Evora, depois da caçada annual em Porto de Mouro, por signal que n'esse anno foi mais tarde.

Vamos á carta:

Ill.ºo amigo e sr. Prior, Evora 17 de novembro de 1868.

«Estimarei que chegues a sua casa livre de maior incommodo, e achasse tudo quanto lhe pertence de saude a quem me recommenda, bem como aos amigos.

Saberá que como viessem manhas de nevoa, resolvemos a recolher mais cedo alguns dias do que tencionavamos, nunca apanhando hum só dia bom, ou em cheio de pombos para as armações, mas mesmo assim matámos ao todo 696 pombos.

Este anno notámos nas immediações de Porto de Mouro, e Ribeiro do Roxo, algumas arvores boas de armação, em que nós armávamos ha muitos annos, com varios ramos cortados de fresco, e que muito prejudicavão a arvore para tal effeito; isto feizo provavelmente por alguns principiantes inexperientes que querendo imitar-nos, vão a querer armar e cortão a arvore a seu jeito, dando cabo d'ellas, que ficam incapazes para sempre, por tanto para evitar este inconveniente em Alcondinho e dali para baixo Algarême, etc., etc., peço ao meu amigo que não divulgue por ahi o segredo de se armar bem; não he isto porque seja cioso com tal genero de armar, nem nunca o fui em coisa alguma, mas infelizmente a experiencia me obriga agora a recorrer a este meio ahi, aonde isto é ainda ignorado, porque o resultado vem a ser o seguinte que nos tem acontecido nas mais partes, com especialidade na Serra d'Alpedreira, que tendo-se escaçado a caça dos coelhos, perdizes e gallinholas, pelo grande desenvolvimento na limpeza dos montados, todos aquelles Cassarretas e caseiros dos montes, não tendo já outra caça todos se dedicão a armar (bem ou mal) aos pombos e só teem dado cabo de boas arvores de armação por ignorancia; como não

os deixão parar logo que chegão, por toda a parte lhe armão e por toda a parte lhe atirão, de sorte que não os deixão tomar carença, nem comer, nem dormir, de sorte que senão isto aqui mais perto para onde os pombos vinhão mais tarde, desde que d'ahi vinhão de todo, por não terem já lá que comer; já cá não podemos fazer caçada nenhuma que preste. por não os deixarem parar; o mesmo forçosamente hade vir a acontecer ahi se lhe tomarem o gosto, não só o meu amigo quando lá quizer hir, os achará arredidos, mas o mesmo acontecerá a nós quando lá fôrmos alguma vez para o anno, não os deixãdo ahi terem sempre a dormida certa.

Pois fique agora o meu amigo sabendo mais que ainda que se lhe atire muito nas comedias não se espantão quasi nada, o que não acontece ás dormidas que sendo espantados e atirados já depois de agazalhados levantão e não voltam por muito tempo.

Tambem tenho a lembrar-lhe que agora a principio não tóque com muita força quando armar, pelo inconveniente de lhe poder cair o pombo e não saber a maneira d'elle poder voltar ao champil, sem ser preciso ir acima da arvore a tornar a amanhá-lo.

Esta lição não houve occasião de lhe dar, aliás seria a unica maneira possivel a adoptar em tal conjunctura,

Na vespera de marchármos para aqui, que foi no dia 13, sobre a madrugada ainda bem de noite ás escuras, foi ter a Porto de Mouro, um rafeiro derramado que por tres vezes brigou com a matilha, alguns ficaram feridos e babujados, já se sabe, dos milhores entrando o branco filho da Vindima, o Gavião, a Rafeira, o Valente que deu o Carreta, etc., etc., e como foi de noite está-se tratando de todos, etc.

Repto, os curiosos por ahi que nos tem hido vér armar, julgão que logo sabem de tudo, e querendo hir armar a imitar-nos, em lugar de os chamar espantão-os, (salvo em dia em que elles andão como parvos, porque n'esses, quer estejam com armação, quer não, atirão da mesma maneira), por consequente não sabendo, nem tomando-lhe o gosto, antes sim, levando callôtes continuados, continuão a ir aos coelhos e deixão aquietar e tomar creença aos pombos, aonde nós todos de combinação poderemos divertir-nos, fazendo boas caçadas.

He quanto tem a dizer e pedir-lhe este seu

Att.º Ven.ºr Am.ºº e Obrgd.º

JOSÉ PAULO DE MIRA.

Saudades de meu sobrinho e mais amigos.

.....
Como vês meu caro Anselmo, esta carta é curiosissima e cautelosa e encerra já alguns dos taes *pequenos nadas*, de que te tenho fallado. Mas não lhe quero fazer considerações, sem primeiramente transcrever a outra, para por fim terminar com o meu *assalto*, do que certamente debes estar desejo e muito mais os teus amáveis leitores, pelos quaes certamente sou classificado um massador *in totum*.

(Continúa).

THOMAZ COELHO.

AUTO-VELOCIPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

OS ESTATUTOS DA U. V. P.

Nos primeiros dias d'este mez foram emfim approvados pelo ministerio do reino os estatutos da U. V. P.

Seria coisa interessante, verdadeiramente curiosa historiar o que ha bem um anno se tem passado com a approvação d'esse documento. Por um lado revelar-se-hiam mais uma vez os complicados meandros da nossa burocracia, as difficuldades por vezes insuperaveis que encontramos nas nossas secretarias as coisas mais simples e pequenas — por outro lado o espirito de mal-

querença e mil difficuldades que sempre apparecem para levar á pratica os melhores ideaes.

Mas deixamos isso e consignemos o facto para nós, summamente agradável, de estar emfim organisaada sobre todos os pontos de vista da legalidade, a nossa federação cyclista.

Perante o mundo sportivo estava ella reconhecida, era a legitima representante da velocipedia portugueza desde o dia em que a União Cyclista Internacional accitou a sua filiação e approvou os seus estatutos e regulamentos.

Perante o governo, perante os poderes publicos está emfim reconhecida e legalisada.

E registamos ainda, como um acto de justiça, que esse *desideratum* honra sobre maneira o sr. conde de Caria, o nobre presidente da União que foi verdadeiramente incansavel, assim como o sr. Anselmo de Sousa, digno vice-presidente.

As difficuldades sob o ponto de vista burocratico que se levantaram foram innumeradas.

Primeiramente o projecto dos estatutos esteve dormindo por largo tempo nas secretarias do governo civil para ser examinado. Depois de muito tempo soube-se que tinham de soffrer alterações; trata-se de saber que modificações seriam necessarias, — novas difficuldades, novas delongas; depois de muitas instancias vem a informação de que os estatutos não podiam ser approvados pelo governo civil, visto que não ha uma lei geral que permita a approvação de federações.

Para exemplo citaram-nos até a Liga Naval apesar de ter como presidente o chefe do Estado, não tinha logrado despacho approvativo no governo civil.

Citaram tambem o exemplo da União



Uma boa estocada

dos Atiradores Civis cujos estatutos tiveram de ser approvados por um decreto especial do ministerio da guerra:

Mas quem é então competente para approvar a lei da U. V. P.?

E' o ministerio das obras publicas?

E' o do reino?

Até houve quem falasse no ministerio da fazenda.

Emfim decide-se que é o do reino.

Todas as atencões se voltaram para esta secretaria. Vá para lá a papelada.

Surgem, porém, novos entraves; ha novas delongas, outras difficuldades.

Entretanto o tempo ia passando.

Era necessario sahir d'esta situação quanto antes.

O sr. conde de Caria redobrou, pois, de actividade e dedicacão feitas pequenas modificações no projecto foi emfim lançado o despacho de approvação, no dia 3.

A U. V. P. está, pois, constituída com a maior, com a mais completa legalidade.

Assim o estivessem todas as associações portuguezas.

A postura municipal:

Nos ultimos dias tem sido inumeros os cyclistas que tem sido injusta e estupidamente autoados pelos policias ao serviço da camara municipal, que em vez de proteger e amparar o cyclismo que podia ser para ella uma excellente fonte de receita, o persegue e ataca.

Em toda a parte este ramo de sport encontra protecção e disvelos por parte dos poderes publicos; e é realmente lamentavel que entre nós não só tenha sido desamparado como combatido.

Em Inglaterra, na Alemanha, na França, grande numero de municipios auxiliam as associações velocipedicas concedendo-lhes subsidios pecuniarios para a sua manutenção ou para premios.

Em França, onde o conselho municipal de Paris consagra importantes verbas para auxiliar varios ramos de sport, entre as quaes se destaca a de 10:000 francos para o grand prix cyclista — ainda agora o governo, querendo como associar-se a essa protecção generosa, criou o *grand prix* da Republica.

Em Portugal não só não protegem o cyclismo e os cyclistas como lhes arrancam pesadas contribuições, como o vexam e perseguem.

E' inqualificavel!

Tem sido tantas e tão monstruosas as autoações feitas ultimamente e tão justos os clamores levantados por tal motivo que a direcção da U. V. P. entendeu dever intervir immediatamente no assumpto, delegando nos srs. conde de Caria e Anselmo de Sousa que depois de conferenciarem com o sr. secretario geral do governo civil e com a veriação municipal, conseguiram que fossem annulladas as multas de que havia conhecimento na secretaria da União e se procedesse com maior criterio na applicação da postura, a qual será brevemente modificada tambem a instancias dos srs. conde de Caria e Anselmo de Sousa.

N'este sentido será enviado, pela U. V. á Camara Municipal, uma representacão apontando as defeciencias e erros das actuaes posturas.

O congresso da U. C. I.:

Realisou-se no dia 8, em Berlim, o congresso da União Cyclista Internacional.

Estiveram representadas as uniões velocipedicas dos seguintes paizes: Estados Unidos da America, Belgica, Suissa, França, Dinamarca, Italia, Hollanda, Nova Zelandia, Alemanha, Canada e Portugal.

Presidiu M. de Benckelaer secretariado por M. Mario Burzoni.

Approvada a acta do ultimo congresso realisado em Alessandria e o orçamento do anno findo, foi reeleito por unanidade o *comite* director da União e discutidas propostas para filiação da União Velocipedica Argentina e da Federação Cyclista Argentina, resolvendo-se aceitar a U. V. A. por ser a mais antiga, á qual foram conferidos dois votos (os mesmos que tem a U. V. P.)

Foram approvadas duas propostas de M. Breyer para que a partir de janeiro de 1902 os tandems de *entraînement* sejam em todos os paizes de um modelo especial e unico e para que os *equipiers* de traz dos tandems sejam obrigados a pedalar.

O delegado da União Americana propoz e foi approvado que da receita liquida dos campeonatos do mundo sejam retirados 20 % o um decimo dos quaes pertencerá á U. C. I. e os 9 decimos restantes serão distribuidos pelas sociedades filiaadas.

Tambem por proposta de M. Breyer foi resolvido que os corredores não filiados nas Uniões dos seus respectivos paizes, não tem direito a indemnisações ou subsidios de especie alguma nem por parte d'essas uniões nem da U. C. I.

Foi approvado que o proximo congresso da U. I. se realise em Paris, na Paschoa de 1902 e os campeonatos em Italia.

O cyclismo em Leiria:

Como o nosso prestimoso correspondente em Leiria tem referido nas suas bellas correspondencias, a formosa cidade do Liz é seguramente uma d'aquellas onde o cyclismo se está desenvolvendo e cultivando com maior enthusiasmo. Agora estão alguns dedicados *sportsmen* tratando da fundação de uma secção velocipedica junto da 1.ª filial da União dos Atiradores Civis, com sede na mesma cidade e que deve ser inaugurada em 31 do corrente.

A filial da U. A. C. em Leiria tem elementos muito dedicados e valiosos, que se votaram não só á propagação do tiro nacional como ao desenvolvimento da educação physica da qual o cyclismo é um bello e poderoso agente.

A excellente iniciativa dos velocipedistas foi, como não podia deixar de ser, acolhida com todo o enthusiasmo pelas direcções da U. V. P. e da U. A. C. P.

U. V. P.

A direcção da União Velocipedica Portuguesa, na sua sessão de 3 do corrente, tomou conhecimento de que nas corridas effectuadas no dia 29 de junho, no Velodromo D. Amelia, promovidas pelo Real Velo Club do Porto, não foram applicados os seus regulamentos e resolveu desqualificar pelo espaço de um mez, a partir de 3 do corrente: a direcção e commissão de corridas do Real Velo Club do Porto, o Velodromo D. Amelia e os corredores que tomaram parte nas referidas corridas.

Resolveu igualmente não reconhecer o Campeonato de Portugal tambem corrido no dia 29 no mesmo velodromo.

Os corredores desclassificados pelo citado tempo de um mez são: José Bento Pessoa, José M. Dionysio, Antonio Real, Antonio Lopes, Eduardo Avilo, Alberto S. Ramos, A. Couto Junior, Lacerda Pinto, Emilio Moraes, J. Santos Victorino, L. Esteves Carvalho, J. Moura Portugal, Lucas B. Real, A. Carvalho, Thomaz Castro, Manuel M. Nunes e Carlos Rego.

D'estas deliberações foi logo enviada participação á Union Cycliste Internationale que as transmittirá a todas as uniões filiadas.

Campeonatos do mundo:

A' hora a que esta revista entra na machina decide-se no velodromo de Berlim a quem hade caber o invejavel e invejado titulo de campeão do mundo.

Essas corridas, as mais sensacionais do anno, e cujo programma já aqui publicamos são como, pois, se sabe, organisadas pela União Cyclista Internacional.

Até agora temos apenas o resultado das corridas eliminatórias (de velocidade), do campeonato do mundo (de fundo) e das corridas de tandems.

Se até á ultima hora tivermos conhecimento do resultado das finais de velocidade, daremos o nome do novo campeão do mundo.

Nestas grandes corridas tomaram parte os mais notaveis corredores de toda a Europa. Vejamos:

Corredores de velocidade:

Allemanha: Arend, Albrecht, Dirheimer, Huber, Hinz, Heering, Kaeser, Keller, Muendner, Mayer, Peter, Ruett, Scheuermann.

França: Jacquelin, Bourotte.

Belgica: Grogna, Protin, Van den Born, Deleu, Broka.

Hollanda: Shilling, Mulder.

Italia: Ferrari, Dei, Eros.

Austria: Seidl, Heller, Kudela.

Dinamarca: Ellegaard.

Suissa: Dorflinger.

Corredores de fundo:

Allemanha: Robl, Heiny, Krause.

França: Bouhours, Baugé (ne part pas).

Hollanda: Dickentmann.

Suissa: Ryser.

D'estes sahii vencedor Robl, talvez em virtude de um desastre succedido a Bonhours que era aquelle que mais probabilidades tinha de vencer.

Emfim ou pelo valor real, ou pelo acaso da sorte, a verdade é que Robl é o actual campeão do mundo, de fundo.

A *equipe* vencedora nas corridas de tandems foi Arend-Ellegaard.

A *equipe* Jacquelin-Grogna teve bellas probabilidades de vencer, mas foi desqualificada pelo jury por se ter despistado. Quanto ás corridas de velocidade eis os nomes dos *sprinters* apurados para disputar o famoso campeonato. Kaeser, Seidl, Rutt, Schilling, Ellegaard, Grogna, Arend e Jacquelin.

Como d'estes ainda teem de ser apurados os tres que hão-de disputar a prova final, os prognosticos são a favor de Arend, Ellegaard e Jacquelin. E d'estes qual será o grande campeão.

Manterá Jacquelin o titulo que com tanto brilho conquistou o anno passado?

Será Ellegaard?

Arend?

Chi lo sa?

Ainda o *grand prix* da Republica:

Por uma deploravel confusão sahii no passado numero do *Tiro* o que o vencedor do *grand prix* cyclista da Republica foi Jacquelin, quando essa victoria coube ao notavel corredor Arend.

Ao mesmo tempo que Fourier entrava em Berlim vencedor, na grande corrida de automoveis, ganhando assim a *coup* do imperador Guilherme, Arend em Paris, ganhava o *grand prix* da Republica.



Manuel dos Santos

O bandarilheiro colhido na tarde de 7 do corrente

Em França triumphava um allemão, na Allemanha, um francez.

A victoria de Arend causou em Berlim uma alegria tal que ainda no dia 7 quando se realizou no velodromo de Friedenau, a primeira reunião dos campeonatos do mundo de 1901, foi levado em triumpho depois de ter dado uma volta de pista com uma corôa de louros na cabeça! E para terminar, estas notas sobre os corredores que disputaram as meias finais do famoso *grand prix*:

Jacquelin, de 26 annos de idade, francez, montava machina Triumpho com 8 m. 50 de deslocamento; Van den Born, 27 a, belga, machina Terrot, 8 m. 30; Grogna, 23 a, belga, machina Peugeot, 7 m. 20; Mouro, 24 a, italiano, machina Peugeot, 7 m. 80; Ferrari, 25 a, italiano, machina Dei, 7 m. 80; Conelli, 25 a, italiano, machina Clement, 8 m. 20; Ellegaard, dinamarquez, 23 a, machina Panthere, 7 m. 30; Seidl, austriaco, 21 a, machina Stüria, 8 m. 20; Arend, allemão, 25 a, machina Branabor, 7 m. 50.

Estes 9 corredores representam, pois, 6 nações e as machinas que montam 5, assim: ha 3 francezas: Clement, Pengeote e Terrot; 2 allemãs: Panthera e Branabor; 1 ingleza: Triumph; 1 italiana: Dei; 1 austriaca: Stüria.

Foi pois a Allemanha com o seu campeão e com a sua machina que venceu.

NOTAS SOLTAS

No dia 7 realizou-se um passeio velocipedico aos Oliveas, organizado pelo grupo cyclista José Bento Pessoa. Houve almoço e corridas-meramente particulares. A direcção da U. V. não tomou, pois, conhecimento nem classificou os seus resultados.

Na 1.ª corrida ganhou o 1.º premio o sr. Antonio Augusto dos Santos e o 2.º premio o sr. Antonio Joaquim Pires.

Na 2.ª corrida foi o vencedor o sr. Augusto Rato, e 2.º o sr. Antonio Joaquim Pires.

Os premios ganhos por Fournier, o notavel *chaffeur*, vencedor da corrida de automoveis Paris-Berlim, attingem a bonita somma de 80000 francos ou sejam 20 contos ao cambio de 250 réis, isto não contando com a taça offerecida pelo imperador Guilherme, com o premio do rei dos belgas e o premio do grã-duque de Mecklembourg!

N'um dos cafés concertos de Londres, o Lond-Pavillon, um cyclista audacioso de nome Josses corre em uma pista que observada das galerias da sala se assemelha exactamente a uma tijella. — A minuscula pista tem um diametro de 6 metros e a inclinação a 60 graus.

Realizou-se no domingo, em Paris, a grande corrida annual Paris-Chalons, 150 km., para a conquista da taça dos estradistas, organizada pela primeira vez em 1898.

Increveram-se 75 corredores, dos quaes o primeiro classificado, Kneppert, gastou 5 h. 20 m. 44 s.

Só eram permitidos os treinadores em machinas movidas pela força muscular. O tempo maximo concedido para o percurso era de dez horas.

O premio conferido a Kneppert foi uma rica taça de bronze com duas azas, e tendo ao centro um medalhão assignado por Picaude. A *coup* de um harmonioso conjunto assenta sobre finissimo marmore onde se lê: *Coupe des Routiers 1901 — Paris-Chalons (150 km)*.

Além d'estes havia muitos outros premios, não classificados, entre os quaes os de menor valor eram medalhas de ouro do prego de 40 francos. Os corredores, á proporção que iam chegando, escolhiam e recebiam d'entre os premios, aquelle que mais lhe agradava.

Nas ultimas provas de 100 k., com treinadores, organisadas pela U. V. F., increveram-se 103 velocipedistas, dos quaes apenas 49 fizeram o percurso em menos de 5 horas. O primeiro classificado foi Pautrat que gastou 3 h. 37 m. 45 s.

Baugé, o notavel corredor francez, acaba de bater os records, em estrada, de 50 e 100 kilometros e das 100 milhas — com treinadores em automovel.

50 kilometros: 53 m. 36 s. (antigo record, 1 h. 2 m. 12 s. por Banholzer); 100 kilometros: 1 h. 48 m. 51 s. (antigo record, 2 h. 12 m. 25 s. por Fischer); 100 milhas: 3 h. 7 m. 47 s. (antigo record 3 h. 51 m. 8 s.)

Baugé manteve em velocidade 60 kilometros por hora!

Como curiosidade sobre a corrida classica Paris Bordeaux, vamos dar aos nossos leitores os nomes dos vencedores, nos dez annos que decorrem de 1891 a 1901, bem como a nacionalidade de cada um e o tempo que gastaram.

1891, G. P. Mills, inglez, 26 horas, 34 minutos e 57 segundos.

1892, Stephane, francez, 25 horas e 37 minutos.

1893, Cottreau, francez, 26 horas, 4 minutos e 52 segundos.

1894, Lesna, francez, 25 horas, 11 minutos 7 segundos.

1895, Gerger, austriaco, primeiro amator 24 horas, 12 minutos e 15 segundos. Meyer, dinamarquez, primeiro profissional, 25 horas e 30 minutos.

1896, Linton, inglez e Rivierre, francez, *dead-heat*, 21 horas, 17 minutos e 18 segundos.

1897, Rivierre, francez, 20 horas, 36 minutos e 46 segundos.

1898, Rivierre, francez, 20 horas, 39 minutos e 1 segundo.

1899, Huret, francez, 16 horas, 35 minutos e 47 segundos.

1900, Fischer, allemão, 21 horas, 57 minutos e 57 segundos.

1901, Lesna, francez, 21 horas, 53 minutos e 40 segundos.

Nas tres primeiras provas, isto é, em 1891, 92 e 93 apenas foram permitidos os *entraineurs* em bicyclette. No anno seguinte, em 1894, o vencedor Lesna, teve á sua disposição um numero approximadamente egual de *tandens* e de bicyclettes.

Em 1895, Gerger e Meyer tiveram um serviço completo de *tandens*.

O famoso duello Linton-Rivierre, em 1896 teve lugar com o auxilio de numerosos *tandens* e mesmo triplettes.

No anno seguinte, 1897 entraram os automoveis em scena, mas só em parte, visto que Rivierre fez todo o percurso atraz de *tandens* ou triplettes.

Em 1898 Rivierre veiu de Bordeus a Paris, atrás de uma carruagem automovel.

Em 1899 Huret segue o mesmo processo e consegue baixar o antigo *record* perto de 4 horas.

Em 1900, voltando-se ao antigo systema de *entraîneurs* em bicyclette, Fischer bate com grande vantagem o *record* de Sthephane, o que demonstra a resistencia dos corredores e o aperfeiçoamento das machinas.

Uma outra estatistica interessante é a dos corredores que se inscreveram nos dez annos, os que partiram de Bordeus e os que chegaram a Paris.

Em 1891, vento de costas e chuva; inscreveram-se 38, partiram 28, chegaram 19.

Em 1892, tempo sereno; bom sol; inscreveram-se 67, partiram 54, chegaram 30.

Em 1893, vento fraco, de frente; ceu limpo; inscreveram-se 76, partiram 66, chegaram 26.

Em 1894, vento forte, de frente; céu limpo; inscreveram-se 105, partiram 87, chegaram 47.

Em 1895, tempo sereno, céu limpo; inscreveram-se 65, partiram 50, chegaram 32.

Em 1896, vento de costas, céu limpo; inscreveram-se 56, partiram 33, chegaram 18.

Em 1897, vento forte, de frente; bom tempo; inscreveram-se 23, partiram 17, chegaram 10.

Em 1898, vento de costas, chuva; inscreveram-se 24, partiram 14, chegaram 8.

Em 1899, tempo sereno, chuva; inscreveram-se 12, partiram 10 chegaram 6.

Em 1900, vento de frente, céu limpo; inscreveram-se 25, partiram 19, chegaram 10.

Em 1901, vento fraco, ceu limpo; inscreveram-se 30, partiram 24.

CARLOS CALLIXTO.

VIANNA DO CASTELLO

Realisa-se no primeiro mez de agosto no excellent velodromo do *Club de Caçadores*, a grande corrida annual de bicycletes. Brevemente será feita a participação official d'esta festa á U. V. P. e organizado definitivamente o programma.

A commissão administrativa do velodromo, vae convidar José Bento Pessôa, José Dionysio, Antonio Lopes e outros corredores de nomeada.

A respeito de corredores amadores, mal está a commissão organisadora da corrida. Em Vianna, o gosto pelo cyclismo tem tido um excepcional desenvolvimento. Ha *centos* de cyclistas. Corredores, apparecem *dois*, por junto!

E como tudo n'este mundo tem explicação, para esta notavel falta de corredores ha tambem uma explicação que deixamos para mais tarde, pois não vale a pena tratar, por agora, assumptos desagradaveis.

O delegado da U. V. P. n'esta cidade promove para o fim do corrente mez um passeio de unionistas a Caminha. O mesmo delegado pensa em promover para setembro, a realisação d'umas provas de 50 kilometros. Antes d'isso tenciona conferenciar em Lisboa, sobre o assumpto, com a direcção da *União Velocipedica Portuguesa*.

Na impossibilidade de realizar uma corrida de bicyclettes em favor do seu cofre, porque a commissão administrativa do Velodromo do Campo do Castello, dá em agosto a sua festa annual, a direcção do *Sport Club Viannense*, deliberou abrir uma kermesse no Campo da Agonia por occasião dos grandes festejos que ali se realisam no proximo mez. Com o producto d'essa kermesse pretende a direcção do S. C. V. remediar algumas difficuldades financeiras. Esta associação tem nos ultimos tempos soffrido uma guerra desleal; mas, como ha males que vem por bem, a surda campanha movida contra o *Sport Club*, reaccendeu antigos enthusiasmos, estando a direcção absolutamente disposta a arcar com todas as difficuldades.

O futuro, não muito distante, dirá sobre o assumpto.

O *Sport Club*, na ultima sessão da sua direcção assim ficou resolvido, vae pedir a sua filiação na U. V. P.

O grupo velocipedico da mesma associação, realisa no dia 21 um passeio official a Ponte de Lima, havendo paragem para o almoço em Deão. O jantar realisa-se em Ponte de Lima.

O Centro Velocipedico do nosso amigo sr. Antonio de Moraes Cerqueira Lima continua a prestar valiosos serviços aos cyclistas. Aos domingos não fica ali uma unica machina para alugar, sendo notavel o desenvolvimento que vae tomando este bem dirigido estabelecimento.

L.

AVISO AOS CYCLISTAS

A *Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes* publicou a seguinte tabella dos combios para os quaes se vendem bilhetes especiaes desde 3 de julho de 1901, para transporte de bicyclettes.

TRAJECTOS	HORAS DE PARTIDA DOS COMBIOS
Caes do Sodré — Cascaes	Do Caes do Sodré: m 5-43, 6-43, 7-43, 7-43, 8-43, 9-43, 10-43, 11-43, — t 12-13, 1-43, 1-43, 2-43, 3-43, 4-43, 4-43, 5-43, 6-43, 7-43, 7-43, 8-43, 9-43, 10-43, 11-43, — m 12-13.
Cascaes — Caes do Sodré	De Cascaes: m 6-43, 7-43, 9-43, 10-43, — t 12-13, 1-43, 3-43, 4-43, 6-43, 7-43, 9-43, 10-43, — m 12-13.
Lisboa Rocio — Cintra...	De Alqueis: m 6-30, 8-0, 9-30, 11-0, — t 12-30, 2-0, 3-30, 5-0, 6-30, 7-30, 8-0, 9-30, 11-0, — m 12-30.
Lisboa Rocio — Cintra...	De Lisboa R: m 12-13, 6-35, 8-35, 8-38, 9-0, 10-40, 11-0, — t, 12-40, 1-0, 2-40, 3-0, 4-35, 4-40, 5-35, 6-33, 6-48, 8-40, 9-10, 10-35.
Cintra — Lisboa Rocio...	De Cintra: m 5-17, 7-32, 9-7, 10-32, 2-32, 4-33, 5-30, 7-32, 8-44, 10-35.
Lisboa Rocio — Sacavem	De Queluz: m 7-30, 9-35, 11-30, — t 1-30, 3-30, 5-30, 7-30, 9-30.
Villa Franca — Sacavem	De Lisboa R: m 9-45, — t 5-47, 7-45.
Lisboa Rocio	De Villa Franca: m 1-35, 3-36.
Villa Franca — Lisboa P.	De Sacavem: m 10-10.
Porto (Camp.) — Espinho	De Villa Franca: m 5-0, 8-55, 11-20, — t 4-45.
Porto (Camp.) — Espinho	De Villa Franca: m 8-31, — t 3-16, 4-20, 9-6.
Ovar e Espinho — Porto	Do Porto: m 5-45, — t 12-45, 6-20.
Ovar e Espinho — Porto	Do Porto: m 8-55.
Coimbra — Fig. da Foz.	De Ovar: m 6-40, 10-9, — t 8-37.
Fig. da Foz — Coimbra	De Espinho: m 5-17, 10-39, — t 8-23, 11-10.
Fig. da Foz — Coimbra	De Coimbra: m 6-0, 9-10, — t 4-10, 6-35.
Fig. da Foz — Coimbra	Da Figueira da Foz: m 3-15, 5-55, — t 1-50, 9-25.

Nota.— Foi ampliada até á estação de Ovar a tarifa especial n.º 15, para transporte de bicyclettes, não acondicionadas, pagando 120 réis incluindo o selo.

LEIRIA

A fórma como o cyclismo se tem desenvolvido nos ultimos annos entre nós, apesar dos grandes obstaculos que se lhe tem levantado no seu caminho, enche-nos de prazer e faz-nos antever que Portugal chegará em breve a occupar um dos primeiros logares entre as nações mais sportivas.

Aptidões não nos faltam, e a fórma como os nossos cyclistas se teem apresentado nas corridas nacionaes, a distincção com que nos teem representado nos torneos internacionaes e ultimamente nas provas de 100 e 50 kilometros e nas corridas na Figueira da Foz, são o attestado mais brilhante para esta affirmativa.

E' com verdadeiro enthusiasmo que temos observado o desenvolvimento progressivo do cyclismo em todos os pontos do paiz, é com o mesmo enthusiasmo que todos teem acompanhado o resultado das ultimas corridas, e é ainda com equal enthusiasmo, com o enthusiasmo proprio d'um cyclista que se empenha pelo desenvolvimento do sport na sua terra natal, que tenho observado o augmento rapido do gosto pelos exercicios physicos e, especialmente, pela bicyclette, em Leiria.

O movimento cyclista mais importante durante esta quinzena foi a corrida de *fitas* organisada, no dia 23, por um grupo de individuos d'esta cidade, a qual correu bastante animada, e o passeio á Batalha no dia 24.

O passeio á Batalha, a que me referi, correu, como era de esperar, com o maior enthusiasmo. Partimos d'aqui á 1 hora da tarde, formados em duas alas, seguindo pelos logares de Cortes, Reichida e Amoreira, chegando á Batalha ás 2 1/2 horas, sendo recebidos por immenso povo, á frente do qual uma commissão de cavalheiros, acompanhado d'uma phylarmonica, levantava vivas enthusiasmas.

A's 3 1/2 reunimo-nos na parte do mosteiro da Batalha conhecida pelo nome de *Capellas Imperfeitas*, onde foi tirado um grupo photographico que ficou muito bom e bem disposto.

A's 4 1/2, devido á amabilidade da commissão promotora dos festejos na Batalha, começaram as corridas negativas em bicyclette, e ás 5 as corridas de argolas.

Inscreveram-se para disputar os premios 24 cyclistas dos que compunham o nosso grupo, e os premios, em numero de 27, offerecidos na maior parte por damas da Batalha, eram de valor e todos finamente ornamentados.

As corridas presididas pelo ex.^{mo} sr. José Theodoro de Sousa, administrador do concelho da Batalha, secretariado pelos ex.^{mos} srs. Dr. Antonio das Neves Ferreira e Carlos Paniagua Sanchez, correram com o maior enthusiasmo possivel e no meio do aclamações de mais de 3:000 espectadores.

A's 7 horas começo o nosso *pic-nic* a que assistiram varios convidados sendo a totalidade superior a 60 pessoas, e durante o qual nos foram distribuidos, por galantes creanças, os premios das corridas.

Eram 9 horas quando sahimos da Batalha e 10 quando chegámos aqui, trazendo cada um de nós

um balão veneziano, o que produzia um effeito magnifico. Todos vinham satisfetissimos pela bella tarde que passaram e com immensa pena d'aquellas horas decorrerem tão rapidamente.

Projectam-se mais passeios e corridas, e estas manifestações de enthusiasmo pelo cyclismo não podem deixar de echoar alegremente no peito de todos que amam a velocipedia.

20-6-901.

ESGRIMA

O ATIRADOR

De qualquer faz a esgrima um jogador de armas com a dextresa precisa para mercedidamente grangear o nome de atirador.

Ao mais falho de recursos naturaes consegue ella dar meios para que os seus golpes sejam efficazes, como ao mais dotado sabe ella moderar os excessos, que os tornam nullos.

A todos habilita a salvar a vida com as armas na mão, ou, pelo menos, a não perdel'a sem defesa.

E, se as armas matam, o seu exercicio fortifica os debeis, endireita os aleijados e restaura os exhaustos, dando a todos a alegria de viver de que os saos gosam e os fortes.

Porque Deus, se quer que os homens luctem eternamente entre si e contra tudo, quer tambem que sejam robustos para que as vidas, que essas luctas levam, tenham compensação na maior duração das que ficam — com sobras ainda para o progressivo augmento da especie.

E quererá tambem que possam e saibam brandir a espada, embora pareça deixar que o façam por seu livre arbitrio... arbitrio livre perante a necessidade de se defenderem até á terrivel contingencia de matarem para não serem mortos!

Não; é preciso, é fatal, que todos se armen, e que nas armas procure cada um — individuo, nação ou raça — ser o mais forte.

Nas armas tem pois de apoiar-se a humanidade para não succumbir; e de todos os elementos diversos e encontrados do ser humano tem de formar-se quem as maneje: o atirador.

Tem de attender-se ao sentir e ao pensar desigual em todos; á vontade indomita,

tão rara, á indecisa, tão frequente; e á instinctiva, que a nenhum falta; ao valor que, a uns, faz temerarios, e a outros pul-sillamines pela ausencia absoluta d'elle; tem de attender-se aos maus estímulos — em geral os mais tenazes — que os bons contrabalançam; e á violencia de alguns e á brandura de varios.

Todas estas circumstancias, que as diversas edades, as doenças e os accidentes da vida fazem variaveis até no mesmo individuo, todas tem de ser consideradas na formação do ephemero instrumento destinado a ser o esteio da eterna humanidade!

Pois, forma-se — perpetuo na incessante renovação das gerações — justamente pelo aproveitamento da aptidão, não só moral, como physica, de cada individuo, a cada hora, e a cada instante para a lucta singular.

Lucra assim, n'esta, o de temperamento ardente em repetir os ataques, cujo effeito o fleumatico destroe sereno com a constante parada e a opportuna resposta; perde o forte a vantagem perante o dextro; compensa o de pequena estatura a inferioridade do alcance dos seus golpes, em relação aos que a tem elevada, com a opportuidade da resposta nas linhas baixas. Tem, em summa, o atirador, de saber equilibrar as deficiencias naturaes em si e julgar as de qualquer ordem no contrario.

Mal irá, porém, ao saber, se perante a maior agibilidade opposta não recorrer á distancia: — ao ponderar essencial nas armas, sem o qual a defeza por meio da lamina nem poderia existir.

Porque a defeza não é como o ataque, que é da essencia da espada, e se pôde realisar com os recursos proprios. Carece aquelle dote estranho, com que a sciencia dotou esta, da distancia para se tornar effectivo. Leva mais tempo a mão no deslocamento a acudir á parada, do que o golpe em chegar ao destino.

Essa differença de tempo tem de a compensar a distancia calculada por um sentimento, que é o mesmo que nos faz julgar da opportuidade do ataque e da defeza, e que nos dá conta dos proprios e estranhos recursos: — sentimento indispensavel na esgrima, e que esta vae buscar ao instincto da salvação propria, que existe em todos.

O saber e este sentimento são, portanto, os predicados essenciaes do atirador; os que elle deve de preferencia desenvolver em si.

E n'este porfirar ganhará, a par, a resistencia — unica força necessaria na esgrima, além da indispensavel para segurar a espada — a flexibilidade dos musculos, a dextresa, o vigor, e — essa outra qualidade capital para o melhor exito das armas — a promptidão no golpe e na parada.

Do reunido esforço de cada um e de todos, d'esse afeição de aptidões entre si e da sua generalisação, nasce o homogeneo grupo armado que tem de amparar a patria, cujos destinos dependem de combates, como no individuo, e não exclusivamente de defeza.

Pois acaba por succumbir quem só se defender. E' do interesse mesmo da defeza o ataque. Só o audaz que n'este persiste pôde ter a victoria. O receio contém, por si, o contrario. Até a repugnancia instinctiva ao golpe, a ideia sequer, detem o mais franco.

Por outro lado, só com o ataque se conquista e augmenta o patrimonio, que sem elle se perde. Por meio d'elle se progide. Parar é morrer — adagio que pelo

trocadilho da palavra se pôde, com outro sentido, applicar ao atirador que só *parar*.

Já pôde pois a humanitaria moralidade admittir sómente a effusão de sangue alheio quando assim seja preciso para conservar a nossa existencia; já pode a religião consagrar este principio — que mais santo seria nem mesmo assim o admittindo — e a lei, co-honestar a existencia das armas e do seu exercicio á sombra d'ella; já podem os menos sinceros tratados de esgrima dizer que esta arte serve primeiro para a defeza do que para o ataque: — que nem por isso deixam as armas de ser mais offensivas do que mero instrumento de defeza.

O militar que se faz atirador pelas necessidades da guerra, ou por dever a que se julgue obrigado por cingir a espada; a creança a quem os paes ensinam as armas como prenda de educação; o mancebo que, amator de sports, não quer excluir este; o politico e o scriba que no ferro buscam eventual apoio ao que digam ou escrevam; o hygienista e o velho que procuram na esgrima a força e a saude: — a todos estes atiradores deve invadir mais ou menos esse sentimento combatente que o contacto da espada produz e desenvolve.

Nem, joguete ou instrumento de mero recreio deixa a espada de ter associada a si a idéa de golpe, e de a despertar em quem a maneje.

E' além d'isso o bater, instincto que logo na creança só a dor reprime, mas a que a mãe, embora bondosa, por outro lado, mais tarde, incita na defeza do brio que ao filho a aconselha — brio, que a mestra, recordando feitos de patricios seus, mais dados a torneios, dirá só defensavel com duellos.

Alimenta esse instincto ainda a escola, onde o professor e os livros apontam os exemplos de heroes que á força e á violencia mais deveram a gloria.

Instiga-o depois: a prometida esposa, que, poetica, só aprecia os feitos de capa e espada de antigos tempos; ou a leviana amante, que desperta ciumes em rivaes; ou o debil amigo, que no mais forte se apoia e mette á bulha.

E assim a imaginação tem vertigens em que vê baralhadas durindanas e espadas de todos os tempos: a de Roldão, a do Magriço, as de Carlos Magno, Alexandre e Cesar; e as, emblematicas já, de Frederico e Napoleão. Sonha com os golpes secretos de Jarnac e de Nevers, e até com a victoria dos Horacios devida a simulada fuga. Vê-se nos campos de batalha fendendo facilmente craneos, ou em duellos atravessando os seus adversarios, do peito ás costas, com estocadas de renome.

Por esta forma inspirado — mandado, ou de motu proprio — busca o mancebo a sala de armas que tem de o preparar para tanto esforço que julga facil.

Mas, oh! desillusão! O brilhante florite, novo em folha, escorrega da dura luva; a envernizada mascara torna-lhe, atravez da rede de arame, poeirenta a vista; o bem talhado plastron tolhe-lhe os movimentos e mal amortece as estocadas contrarias.

O braço que deve contrabalançar a espada, ora levantado, em vez da airosa curva, mostra-se em angulos, ora descido, chega ao sitio em que mudam de nome os rins; e as sandalias, que tem de firmar o equilibrio das doridas e curvas pernas, não as sustêm, por mais que procurem firme o as sapatadas repetidas. Dos golpes, só os contrarios tocam, por mais que a mão procure para-los e lhes fuja o corpo. O ferro, que na defeza fustiga o ar e o chão sem encontrar a lamina opposta, quando afinal a encontra, é para receber a parada que a faz saltar dos dedos rigidos,

obrigando o sonhado heroe a apanha-la de gatinhas, no chão, onde ainda lhe foge ás incertas e envergonhadas mãos!

Mais tarde, firmes as pernas já pelo habito; flexiveis já os dedos e a mão para, sem força, segurarem a espada e a manterem nos limites que a parada não deve ultrapassar; conquistado o sentimento do ferro e da distancia, vem, n'esta phase, um ou outro appropiado golpe — entre os de acaso sem numero, que tocam o adversario — ou a feliz parada, avivar de novo illusões de superioridades, que só quer cada qual reconhecer em si e não nos outros.

Premedita então o atirador combinações, que, por não dependerem só d'elle, sempre falham, como falham as estocadas que imaginara infalliveis — não sabendo ainda que o jogo das armas é todo de momento, e que os acertados golpes nascem da occasião.

Apesar d'estes novos desenganos não lhe soffre ainda a vaidade o ser vencido; e assim, enganando a propria consciencia, vae negando indevidamente estocadas, e dando por *passados* golpes, que, aliás, a lamina contraria, quebrada ou torcida em saca-rólhas, dá a presumpção de haverem chegado.

N'este eterno castigo da fatuidade, n'esta sempre impotente lucta physica, vae-se formando o atirador verdadeiro, aquelle a quem a experiencia vae ensinando que para saber não bastava querer, d'esse querer vago, dolente, de sem trabalho adquirir tudo, mas ter esse outro, que é a vontade activa que nos dá força de conseguir, sem ser pelo desejo apenas, os bens que appetecemos.

Na acção para tal fim impéra essa vontade no atirador, fortalecendo-o pelo exercicio que além do vigor lhe dá destreza. Serenam n'elle os fracos, e até então irrequietos, nervos; apura-se-lhe a razão e o sentir no julgar dos proprios recursos e no meio de os tornar efficaes; e, apezar de ora vencedor e ora vencido, dão-lhe as temporarias victorias, realmente ganhas com os francamente confessados botes, superiores gozos, aos das imaginadas victorias ou de acaso em que entravam os duvidosos.

A applicação acertada dos recursos de cada um egualam, quanto possivel, as condições de todos; e o aproveitamento nas armas prepara-os para todas as demais luctas da vida humana, sem exclusão das mais acerbas — as da intelligencia — em que o exercicio physico serve de ponderador e de equilibrio.

O atirador mais fraco de corpo, tornando-se assim forte e perfeito, aproximarse-ha da poesia que pinta diaphanos seres serenamente vencendo com sobrenatural força monstros e gigantes. E o conto portuguez que dá por vencido o esgrimista peio ignaro que só pela força bruta o deruba, não escutando o convite que elle lhe repete para «que faça jogo que assim não vale» será só verosimil sendo o atirador um peço.

Lisboa, 6 de julho de 1901.

E. M. B.

ATHLETICA

CRICKET

B. P. C. C. contra L. C. C.

Realizo-se no sabbado 6 do corrente um desafio d'este jogo entre estes dois clubs, no terreno do primeiro.

Nenhum d'elles tinha o seu grupo completo jogando o B. P. C. C. com 10 homens e o L. C. C. apenas com 8.

Apesar d'esta desproporção é provavel que o L. C. C. tivesse ganho se tivesse havido tempo para completar o 2.º *innings* em que o B. P. C. C. com dois wickets para cair necessitava de 23 corridas para ganhar.

No 1.º *innings* marcou o L. C. C. 33 corridas e o B. P. C. C. 38 ganhando portanto este ultimo, n'este *innings* por 5 corridas.

No 2.º marcou o L. C. C. 59 corridas dando o *innings* por acabado ao 6.º wicket; B. P. C. C. marcou 29 sem fechar o *innings* por ter dado a hora de acabar o jogo, faltando-lhe apenas dois homens para ir fora e 23 corridas para ganhar. A victoria do L. C. C. era pois mais que provavel, como porém o 2.º *innings* se não acabou faz-se a contagem para o desafio pelo 1.º em que o B. P. C. C. ganhou por 5 corridas.

Representavam o L. C. C. os seguintes srs: R. Readman, S. Williams, S. Rawes, A. M. Symington, C. Wright, C. Barley, M. Barley e D. Barley.

Da parte do B. P. C. C. jogavam os srs: J. Briggs, Lindley, Clark, Dawson, Hadfield, Richards, Eagleson, Baskeyfield, Martin, Evans.

W.

PEDESTRIANISMO

Realisou-se no domingo 7 do corrente entre Paris e Conflans, 40 kilometros, a corrida pedestre classica, vulgarmente denominada Marathona.

Esta prova que está para os pedestrianistas, como Bordeaux-Paris está para os cyclistas é sempre muito animada e brilhante; este anno porém dispertou um enthusiasmo indisciplinavel e que nós, pouco-dados hoje -- não sabemos porque -- a este genero de sport, difficilmente comprehenderiamos.

Imagine-se que se inscreveram 149 corredores de todos os departamentos da França, inglezes, belgas, italianos.

O resultado se não foi dos mais brilhantes pois que Len Hurst, o vencedor da prova, não conseguiu bater nenhum dos recordes estabelecidos, foi, ainda assim digno de registro, pois que 40 kilometros não se andam, em duas palhetadas, como diria o nosso José Dionysio.

A corrida Paris-Conflans foi organizada pela primeira vez em 1896, em França e na Grecia, entre Marthona e Athenas e é d'ahi que lhe vem o nome porque ainda hoje é conhecida.

Eis os nomes dos vencedores desde então: 1896 (Athenas) 1.º Lonys, pastor grego, 2 h. e 55 m.; 1896 (Paris-Conflans) 1.º L. Hurst, inglez, 2 h. 31 m. 29 s. e 4/5; 1898 (Paris-Conflans) 1.º F. Chamhion, francez, 2 h. 30 m. e 10 s.; 2.º L. Hurst, 2 h. 31 m. e 32 s.; 1899 (Paris-Conflans) 1.º Charbonnel, francez, 2 h. 33 m. e 10 s.; 2.º L. Hurst, 2 h. 35 m. e 12 s.; 1900 (Conflans-Paris) 1.º L. Hurst, 2 h. 26 m. 47 s. e 2/5; 2.º V. Bagre (francez) 2 h. 30 m. 5 s. e 1/5.

Como se vê o inglez Hurst, tem sido desde 1896, por assim dizer o arrematante dos primeiros premios.

Este anno não conseguiu bater o tempo precedente pois gastou 2 h. 34 m. 52 s. e 2/5; mas foi, porém deveras interessante a lucta que manteve com Charbonnel que tendo todas as probabilidades de vencer pois levou sempre uma deanteira ao seu antagonista, a 500 metros da meta desfaleceu entregando a palma da victoria a Hurst. Charbonnel chegou em 2.º lugar, tendo gasto 2 h. 35 m. 19 s. e 2/5; 3.º Rigobert, 2 h. 44 m. 20 s. e 2/5; 4.º Bagré, 2 h. 45 m. 13 s. e 1/5. O ultimo classificado foi Felix Eugenio, francez, de 13 annos, que gastou 3 h. 59 m. 34 s. e 2/5.

O tempo maximo concedido para o percurso, era de 4 horas.

Os premios eram, além de um diploma a todos os que fizessem o percurso n'aquelle praso de tempo, mais: 1:000 francos, ao primeiro; 300, ao segundo; 200, ao terceiro; 100, ao quarto; 50, ao quinto; 30, ao sexto; e 20, ao ultimo.

MOSAICO

AS NOSSAS GRAVURAS

José Thomaz Coelho

Atirador e caçador tem duplo direito a que aqui, n'estas columnas, lhe prestamos homenagem, alem da que lhe é devida pelos seus dotes de caracter e de activo propagandista da arte venatoria.

Thomaz Coelho, como atirador, pertence á extincta Associação dos Atiradores Civis «*Estrellas*», hoje fundida na União; alli foi que elle tomou amor ao tiro nacional. Mais tarde entrava para o Grupo Patria, a que hoje pertence, e é com esses seus camaradas que elle frequenta a carreira, onde por mais d'uma vez tem sido premiado. Já aqui publicamos os retratos de parte dos atiradores d'esse grupo taes como Heitor

Ferreira, por duas vezes, Alfredo Lopes de Azevedo, João Pedro Fernandes, Ligorio Silvestre da Silva, e do fallecido Antonio Marcelino de Sousa, hoje cabe a vez a Thomaz Coelho.

Como caçador é o presidente da direcção da Associação Protectora de Caça em Tempo Defezto, isto só, era o suficiente para a sua apresentação, mas Thomaz Coelho, além d'isso um distincto e apaixonado caçador; tem sido, é hoje e será sempre a alma da guerra ao projecto da lei de caça que foi apresentado ao parlamento, acha-o prejudicial aos caçadores e como tal temno combatido com todo o ardor proprio do seu temperamento, tornando-se incompativel com os seus auctores, e diga-se, não é uma intransigencia convencional, como ha muitas cá por este mundo, acobertando qualquer interesse pessoal, não, é sincera e arreigada convicção de que presta um serviço enorme aos seus irmãos em Santo Huberto.

Nós, que o temos ha muitos annos como amigo dedicado, collaborador e assignante da primitiva, prestamos hoje homenagem ao seu caracter e á sua nunca desmentida actividade.

Dario Cannas

Um joven atirador dos mais distinctos que frequentam a carreira de tiro em Pedrouços. Dario é filho de um atirador e apaixonado por tudo quanto é educação physica João Florencio Cannas, antigo socio da A. A. C. P. e hoje da União, seu filho devia sahir o que sahiu.

Dario foi quem no ultimo concurso nacional conquistou com a sua muita aptidão o magnifico premio da Camara Municipal de Lisboa (o mais bello e mais valioso premio do concurso d'este anno, um magnifico jarro de prata tendo uma espingarda Kropatchek por aza, uma peça como a casa Leitão & Irmão sabem produzir).

Como alumno do Real Gymnasio Club Portuguez, no corrente anno, foi o mais distincto, sendo premiado em gymnastica applicada, recebendo o 1.º premio, uma carteira com cantos de prata fôsea; esgrima, o 2.º premio, um alfinete de manta; jogo de pau, o 1.º premio, um relógio com o emblema do club.

Não é, pois, um atirador de acaso, é um atirador distincto e de futuro. Muito joven, vae fazer dezoito annos, e se repararmos para a sua physionomia achamos-lhe que tem muito menos, mas tem um excellento desenvolvimento physico e uma bella musculatura. Alia a todas estas manifestações de estudo e disciplina um bello caracter, e, qualidades de filho e de futuro cidadão que muito o honra e a seu extremo pae.

O Tiro Civil ao publicar-lhe a gravura, presta justa homenagem ao pae educador e ao filho do cá e bom. Honramo-nos com a amizade de ambos.

Manuel dos Santos

O lamentavel desastre succedido na tarde de 7 do corrente ao applaudido bandarilheiro Manuel dos Santos, proporciona-nos o ensejo de lhe darmos o retrato pela segunda vez.

N'aquelle dia, em que se realisou no Campo Pequeno o beneficio do artistico cavalleiro Fernando d'Oliveira lidaram-se 10 touros de Emilio Infante e Luiz Gama, sendo 5 de cada creador.

O 3.º que veio á arena pertencia ao segundo *ganadero*, que na realidade apresentou corruptos bem tratados e de grande poder. N'este touro trabalhavam além de Manuel dos Santos, os bandarilheiros Thomaz da Rocha e o açoriano Luiz Canario, que fazia a sua estreia no Campo Pequeno.

Manuel aguardou a sahida do touro sentado n'uma cadeira, e á gaiola deixou-lhe meio par; depois, repetiu com um par inteiro atropelando as sahidas que pertenciam aos collegas que com elle alternavam, e Thomaz da Rocha *quebrou* a pé firme um par monumental.

Entrando depois Luiz Canario nas taboas, ali, a *sesgo*, deixa um outro par bom e de castigo.

Manuel dos Santos então, colloca um lenço na arena e manda *varrer* a rez; *avizam-n'a* de largo e o bandarilheiro preza d'um nervosismo inclassificavel, sem ter em conta que o touro já estava *quedado* ou para melhor dizer quasi que *aplomado*, teima em ir pizar o lenço para *quebrar* de novo.

E' preciso notarmos que o tal lenço estava mesmo no terreno da rez, e por isso bastou-lhe dar dois passos para colher o imprudente toureiro, que sendo enganchado e volteado cahiu ao chão d'onde foi levantado pelos seus collegas, que n'este momento conheceram ter o *diestro* fracturado a perna esquerda.

Recolhido á enfermaria foi depois internado no hospital de S. José, onde está sendo muito bem tratado n'um quarto particular a expensas

do cavalleiro Fernando d'Oliveira, que tem sido d'uma dedicacão extraordinaria.

A Manuel dos Santos foi applicado um aparelho gessado que o habilita a andar em moletas, e em breve deverá estar restabelecido, porém, este anno já não pôde trabalhar nas 30 e tantas corridas que tem ajustadas, deixando portanto de embolsar uma quantia nunca inferior a 1:200\$000 réis.

VAPORES LISBONSES

Da Parceria d'estes vapores, recebemos um amavel convite para o passeio que se effectouo no dia da partida de El-Rei para os Açôres e outro para ontem por occasião do regresso.

A primeira digressão fez-se no magnifico vapor *Frederico Guilherme* que largou da ponte cerca das duas horas atracando de novo ás sete horas da tarde.

A affluencia de passageiros foi tal que o nosso bom amigo sr. Straus, digno gerente da parceria, teve que fazer largar á mesma hora o *Victoria*, para satisfazer os muitos pedidos que tinha.

O *Frederico Guilherme*, sahindo pela barra grande, acompanhou o cruzador *D. Carlos*, em que ia El-Rei, fazendo-se ao mar até para lá de onde costumam largar os reboques; d'alli veiu á bahia de Cascaes, junto á terra, onde largou passageiros, voltando a Lisboa pelo canal do norte. De Cascaes para cima, por toda a enxada de Paço d'Arcos, a nortada foi fortissima.

A bordo seguia um grupo de guitarristas que executou um magnifico programma. O *bufete* fez largo negocio, apesar dos petiscos que muitos passageiros levavam, o que prova que nem todos enjoaram.

Foi um passeio lindissimo que a *Parceria dos Vapores Lisbonenses* facultou ao publico.

Ontem coube ao *Victoria* ir até á barra, largando ás 9 e meia horas da manhã da ponte do Caes do Sodré. O passeio foi menos demorado mas tambem encantador pelo bello dia que esteve.

A tarde o *Victoria* fez duas largadas uma ás 4 horas e outra ás 6, sempre cheio de passageiros, demorando-se hora e meia de cada vez. E' um magnifico serviço prestado ao publico de Lisboa que a Parceria faz.

Aqui consignamos os nossos agradecimentos á Parceria pela gentileza dos seus convites.

Já que tratamos de vapores de navegacão no Tejo, transcrevemos do nosso collega *O Seculo*, a seguinte e interessante noticia:

«Brevemente deve chegar ao Tejo um grande vapor, semelhante aos melhores que existem no estrangeiro, que servirá para transporte de passageiros, cavallos, carruagens, carroças, etc.

Os carros entram a bordo tal qual andam em terra firme — atrelados, carregados e até com o cocheiro na almofada.

O vapor, que se chama *Rainha D. Amelia*, fará as carreiras entre Lisboa e Casilhas. Tem 40 metros da comprido e 8 de largo, e foi lançado agora ao mar em Anvers, nos estaleiros da Sociedade Cockerill.

O casco é de aço. As machinas são de triplice expansão, desenvolvendo cada uma 200 cavallos. A velocidade média em serviço, com o carregamento normal, é de cerca de 10 nós.

O convéz é em *pitch-pine*, reforçado com travessas de carvalho. Uma parte d'esse convéz é de rodizios, a fim de receber e desembarcar carros e cavallos. Para esse effeito, tem de cada lado duas pranchas em carvalho, consolidadas com estribos de ferro e placas de reforço, que podem girar em torno de dois grandes eixos de ferro forjado. A manobra das pranchas é feita por meio de vapor.

Ao centro do navio, mais elevada, está a *promenade* para os passageiros de 1.ª classe, com excellentes bancos envernizados.

E' tambem ahi que se encontra a *passerelle* do capitão, com a sua machina do governo e apparellho electrico de signaes.

Todos os logares de passageiros são protegidos do sol por meio de toldos.

A pópa, sob o convéz principal, está a camera de 1.ª classe, para onde se desce por uma escada de teca. E' toda envernizada, com ornatos de oiro.

A camera da 2.ª classe é á prôa.

Além das camaras e dos alojamentos da tripulação, o vapor tem tres compartimentos estanques.

Na prôa tem um mastro de signaes e na pópa um barco salva-vidas.

Lá fóra estes vapores costumam ser de rodas. O que vem para o Tejo é mais moderno; move-se por meio de helices.

Não sabemos se este novo vapor pertence á *Parceria dos Vapores Lisbonenses*, mas suppomos que sim.

CONSULTORIO DENTARIO Satorio Augusto Paiva, *Cirurgião Dentista* • • • • • pela escola de Paris. — Doenças de bocca e dentes. — RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º